



INSTITUTO DE
SAÚDE BASEADA
NA EVIDÊNCIA

NEWSLETTER

17 Dezembro 2020 - nº 72

INSTITUTO DE SAÚDE BASEADA NA EVIDÊNCIA

Presidente: Ana Paula Martins

Presidente do Conselho Científico: António Vaz Carneiro



O objectivo da Newsletter do Instituto de Saúde Baseada na Evidência (ISBE) é a disponibilização de informação sobre áreas importantes para a prática clínica, com base na melhor evidência científica. São localizados estudos relevantes e de alta qualidade, criticamente avaliados pela sua validade, importância dos resultados e aplicabilidade prática e resumidos numa óptica de suporte à decisão. É dada prioridade aos estudos de causalidade – revisões sistemáticas, ensaios clínicos, etc. – incluindo-se ainda, quando justificado, estudos qualitativos e metodológicos, assim como artigos de revisão. Esta NL é da responsabilidade do(s) seu autor(es) e não das instituições que a apoiam: ISBE e Cochrane Portugal

Autor: António Vaz Carneiro (revisão do texto: Susana Neto). Pedidos de referências: isbe@isbe.pt

Relação entre positividade viral, seroconversão e gravidade de doença na Covid-19

Referência: Yu Fu et al. Dynamics and correlation among viral positivity, seroconversion, and disease severity in COVID-19. A Retrospective Study. *Ann Intern Med.* doi:10.7326/M20-3337 Published on 8 December 2020

Análise do estudo: o objectivo deste estudo retrospectivo, realizado em 3 hospitais de Wuhan, na China, foi descrever padrões de positividade dos testes RT-PCR e as suas correlações com a seroconversão e a gravidade da doença Covid-19. Foram realizados 12.780 testes de PCR numa amostra constituída por 3.192 indivíduos adultos.

A taxa de positividade global foi de 24%. Em 2.142 pacientes com COVID-19 confirmada laboratorialmente, a taxa de positividade viral atingiu o pico nos primeiros 3 dias, apresentando uma duração média de 24,0 dias (IC 95%, 18,9-29,1 dias) em doentes críticos e de 18,0 dias (CI, 16,8-19,1 dias) em doentes não críticos. A gravidade da doença crítica constituiu um factor de risco independente para uma mais alargada positividade viral (*hazard ratio* = 0,700 - IC 0,595-0,824 - P <0,001). Em doentes com COVID-19 confirmada laboratorialmente, a taxa de positividade da IgM foi 19,3% na primeira semana, com um pico na quinta semana (81,5%) e diminuição constante para cerca de 55% nas 9 a 10 semanas seguintes. A taxa de positividade da IgG foi de 44,6% na primeira semana, atingiu os 93,3% na quarta semana, tendo-se mantido consistentemente elevada a partir daí. Estas respostas imunitárias verificaram-se nos doentes com quadro clínico sugestivo de infecção pelo SARS-CoV-2. Nos doentes não-críticos verificou-se uma correlação entre a persistência de positividade viral e títulos reduzidos de IgM (<100 AU/mL).

Aplicação prática: a taxa de positividade viral de PCR atingiu o pico no decorrer dos primeiros dias de infecção, enquanto que as taxas de seroconversão atingiram o pico entre as 4 e as 5 semanas. As alterações laboratoriais corresponderam de maneira consistente aos sinais clínicos, ao processo de recuperação e à gravidade da doença. Títulos baixos de IgM (<100 UA/mL) são um risco independente para uma positividade viral mais persistente.

A probabilidade de transmissão da Covid-19 por doentes assintomáticos é muito baixa (ou mesmo nula)

Referência: Shiyi Cao et al. Post-lockdown SARS-CoV-2 nucleic acid screening in nearly ten million residents of Wuhan, China. *Nature Comm* <https://doi.org/10.1038/s41467-020-19802-w> Published online 20 November 2020

Análise do estudo: numa perspectiva de gestão da pandemia pós-quarentena, este estudo procurou analisar a situação epidemiológica em Wuhan, China, após o confinamento estrito que teve lugar nesta cidade entre 23 de Janeiro e 8 de Abril de 2020. No período compreendido entre 14 de Maio e 1 de Junho de 2020 foi rastreada (com testes de RT-PCR) toda a população da cidade com idade superior a 6 anos, uma amostra de 9.899.828 pessoas (que representou 92,9% da população total).

Não foram identificados quaisquer novos casos sintomáticos, mas detectaram-se 300 casos assintomáticos (taxa de detecção 0,303/10.000, IC de 95% 0,270-0,339/10.000). Foram estudados os contactos próximos destes casos assintomáticos (n=1.174), não tendo sido detectado qualquer caso positivo. De 34.424 doentes recuperados da infecção pelo coronavírus, 107 positivaram de novo (taxa de re-positividade de 0,31%, IC de 95% 0,423-0,574%).

Aplicação prática: este estudo, notável pela metodologia utilizada – a amostra sob estudo apresentava dimensão quase idêntica à da população e fez-se testagem universal – revelou uma incidência muito baixa de doença assintomática e, mais do que isso, uma ausência de contágio pelos pacientes assintomáticos. Este achado – a ser comprovado noutros países – suporta a ideia de que a transmissão da Covid-19 por indivíduos assintomáticos deverá ser muito baixa (ou mesmo nula). Teremos de aguardar por outros estudos análogos para melhor compreendermos esta realidade epidemiológica da Covid-19. Verifica-se uma pequena percentagem de doentes que positivaram novamente, após já terem tido infecção pelo coronavírus documentada no passado.